

DIVERSIDADE SEXUAL: O “NATURAL” E O “ANTINATURAL” NA PERSPECTIVA DO DISCURSO FUNDAMENTADO NO RESPEITO

Lane da Anunciação Lessa Oliveira¹⁷
Marcos Delson da Silveira¹⁸

RESUMO

Diante as questões suscitadas sobre a diversidade sexual na contemporaneidade, a reflexão, neste artigo, pauta-se em duas linhas de pensamento: o naturismo e o discurso histórico. O naturismo embasado na existência de uma essência que faz o homem ser o que é colocando as relações sexuais no âmbito da natureza humana e, portanto, complementares; o discurso histórico alarga a percepção ao conceber o homem não só como natural, mas também como histórico, trazendo à discussão outras formas de relações sexuais, que excedem o homem e a mulher. Acredita-se que a única forma de convivência possível entre pessoas que pensam e se comportam de formas diferentes está pautada no respeito. Por isso, alicerçados no conceito de dignidade e liberdade humana, teceremos o resultado possível da dialética entre o natural e o histórico no direito intrínseco ao homem de ser homem, isto é, racional e, portanto, livre. Como intuito de esquivar-se do relativismo cultural e antropológico, no término, depositaremos a confiança no progresso da humanidade e na ressurreição dos valores que poderão conduzir o homem ao seu fim último: Deus.

Palavras chaves: Naturismo, Histórico, Liberdade, Respeito e Dignidade

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade discorrer sobre duas correntes de pensamento que constroem o discurso contemporâneo sobre a diversidade sexual: a primeira aborda o naturismo, perspectiva tradicional que fundamenta a existência de uma essência no ser do homem atribuindo-lhe, conforme sua natureza, a sua sexualidade; a segunda busca desconstruir os valores naturais intrínsecos à primeira,

¹⁷ Graduada em Economia com pós-graduação em Direito Constitucional e Direito Administrativo.

¹⁸ Licenciado em Filosofia; Pós-graduado em Docência Universitária; Filosofia do Direito; Direitos Humanos da Criança e do Adolescente e em Filosofia Clínica. Possui Formação Complementar Superior em Gestão de Segurança.

antes de um ser natural o homem é um ser histórico, sem uma essência definida e, portanto, capaz de tecer suas próprias escolhas e ser aquilo que fizer de si mesmo.

As duas percepções supracitadas constroem discursos que se excluem mutuamente. Neste artigo, partimos do pressuposto de que o direito que uma pessoa tem de não acreditar nos valores que outra pessoa carrega não precisa ser, necessariamente, estopim de violências e discussões estéreis. A diferença de opiniões, no diálogo, poderá ser objeto de esclarecimentos e de crescimento. É necessário destacar que a dialética¹⁹ tem como finalidade a verdade, o que não induz a acreditar que sempre a verdade tornar-se-á evidente. Mesmo quando a *aporia*²⁰ prevalecer no término ou abandono da conversa as duas ou mais pessoas que ali estão desenvolvendo discursos devem se pautar pelo respeito.

Defendemos que o respeito é o verdadeiro diálogo. Antes de convencer alguém através das palavras torna-se preciso convencer a nós mesmos. Perceba que onde há princípios opostos o respeito é o meio termo. A dialética que busca chegar ao “bem comum” nem sempre é possível. Na atitude de respeito o homem se percebe sempre diante de um “outro” e nunca diante do próprio reflexo. E o “outro” por ser livre, como característica da própria dignidade que lhe é intrínseca, pode, por mais que eu considere uma abominação, ser quem ele é, por mais que isso seja diferente de quem eu sou, e merece ser respeitado enquanto pessoa humana imagem e semelhança de algo maior do que as minhas vontades.

Este presente artigo, fundamentado em pesquisa bibliográfica e na vivência diária em sala de aula e outras formas de trabalhos com o público, pretende ser útil como fonte de reflexão para quaisquer pessoas que tiverem a curiosidade de lê-lo. O intuito aqui não é expor um relativismo antropológico e cultural, mas dar ênfase à pergunta: Por que o “outro” merece ser violentado ou ridicularizado por não ser ou pensar como eu? A verdade imposta transforma-se em castigo, enquanto a verdade, quando livremente aceita, transforma-se em caminho. Por mais que muitos afirmem que a verdade é uma ideia morta e inexistente, todo discurso tem como finalidade a verdade, por isso transmite valores. Na conclusão exporemos a percepção dos autores, não com o intuito de impor a verdade, mas para abrir espaços a novas possibilidades.

¹⁹ Aqui usando no sentido socrático-platônico

²⁰ Quando não há uma conclusão do diálogo

O DISCURSO NATURISTA

Segundo o naturismo, a pessoa deve comportar-se conforme a sua natureza e guiar suas ações em direção a ela para ter saúde física e mental (ABBAGNANO, 2007, p. 703). A natureza humana, nesse sentido, corresponde àquelas características fundamentais que conduzem a pessoa a agir de determinada forma independente do contexto histórico. Para os naturistas, há uma essência que define o ser humano como tal. Por consequência, há uma finalidade para o ser humano em suas ações enquanto ser portador de uma natureza humana e imutável. Qualquer ação que não esteja conforme a inclinação natural é um desvio de natureza e, portanto, condenável do ponto de vista moral.

Perceba que o discurso fundamentado na ideia de uma natureza humana inclui a sexualidade à própria natureza: homens e mulheres como seres complementares e destinados naturalmente. Qualquer ato sexual que exceda a prerrogativa da natureza humana é antinatural e, conseqüentemente, uma abominação. Para os defensores dessa corrente filosófica, o discurso não constrói realidades, mas descreve a essência da realidade, diz a verdade. Embora com suas peculiaridades, em Platão e Aristóteles tem-se em comum a concepção de que o pensamento capta a essência da realidade e a linguagem diz o que ela é. É com essa percepção, no livro *Sofista*, que as personagens Estrangeiro e Teeteto afirmam que o discurso é necessariamente sobre algo e que cada discurso possui uma qualidade de falso ou verdadeiro (PLATÃO, 1972, p. 196-7). Quando a palavra diz o que a realidade é possui verdade, quando não diz não possui.

Aristóteles (2002, p. 261) trabalha o conceito lógico de verdade, assim como o seu mestre Platão, no livro intitulado de *Metafísica*: “uma noção falsa é aquela que, justamente enquanto falsa, é noção das coisas que não são: por isso toda noção é falsa quando diversa daquela que é verdadeira: a noção de círculo é falsa quando referida ao triângulo”. A falsidade ou a verdade do argumento não está nos objetos cognoscíveis, mas no pensamento do sujeito cognoscente: “a combinação dos conceitos de sujeito e predicado (...) dá-se no pensamento e não nas coisas” (NUNES, 1978, p.

30). Para o Estágirita, a mente humana é capaz de captar a essência das coisas. É através dos sentidos que o intelecto é abastecido. A mente humana capta o particular e a razão universaliza os signos. A verdade existe na razão, enquanto essa está em conformidade com a realidade. Nessa percepção, a concepção que gira em torno das diversidades sexuais, por exemplo, é insustentável. Ao afirmar o gênero como construção social do sexo retira o homem do seu conteúdo biológico. Em outras palavras, não há um sexo construído socialmente, mas é verdade que existem opções sexuais ligadas à liberdade humana de escolha. Opções sexuais que estão em desconformidade com a natureza humana e que conduz o homem a viver conforme os prazeres sexuais. Para Aristóteles (2011, p. 17), uma vida conforme os prazeres “é comparável à dos animais.” A essência do homem é ser racional e, portanto, deve viver conforme o que há de divino nele, isto é, sua razão.

A visão de Platão e de Aristóteles tem cunho racionalista. Os dois filósofos clássicos fundamentam a existência humana na percepção de corpo e alma. Para o primeiro, a alma é aprisionada no corpo, visão dualista; para o segundo, a alma e o corpo formam uma unidade substancial. Para o dualismo, sendo o corpo efêmero, passageiro, é por intermédio da alma, imortal, que o homem chega ao conhecimento apodítico. Para a visão de unidade substancial, a natureza do homem é racional e, portanto, deve viver conforme a sua razão e não conforme os prazeres.

Na visão judaico-cristã, a natureza humana tem sua fonte no próprio Criador: “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança” (Gn 1, 26). Depois de criado o homem e a mulher, as duas naturezas se complementam: “Por isso o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne” (Gn 2, 24). Nessa percepção a natureza masculina e feminina têm uma finalidade única de união e procriação e tudo que excede a isto é abominável (Lv18, 22). O apóstolo cristão, Paulo, em carta aos Romanos (1: 16:32), afirma que mudar o uso natural da sexualidade caindo em atos homossexuais, portanto antinaturais, é uma torpeza. O discurso naturista, seja fundamentado na razão ou em Deus, sustenta a visão heterossexual como natural e as outras formas sexuais, como afirmara Foucault (1988, p. 22), são negadas e silenciadas, são profanas e antinaturais. Dando ênfase à alma, à razão ou a Deus os prazeres corporais são retirados do discurso ou nele controlados, pois a missão primeira do homem é realizar sua natureza ou retornar a Deus.

A visão de uma natureza imutável trabalha diretamente com o conceito de uma verdade absoluta. Essa visão apresenta no discurso valores irremovíveis e, por isso, acaba por retirar do âmbito das discussões outros valores. Semelhantemente, como ficará perceptível, o discurso contemporâneo de antinatureza ao refletir sobre novos valores e comportamentos acaba por ter a visão de natureza como preconceituosa tendendo a buscar formas de excluí-la do campo das discussões. Estamos trabalhando aqui com a Tese e a Antítese e propondo a Síntese na percepção do respeito vinculado à dignidade da pessoa humana.

O DISCURSO HISTÓRICO

O discurso contemporâneo retira o homem do âmbito da natureza e coloca-o no âmbito da cultura. Antes de ser natural, o homem é um ser cultural. A verdade não é cognoscível em sua essência, é construída socialmente. Por isso alguns filósofos consideram o pensamento essencialista ingênuo por depositar sua narrativa na certeza da mente humana de abstrair a essência das coisas. Nietzsche(2012, p. 43-4) afirmou que todos que acreditam em “certezas imediatas” são ingênuos. Para o filósofo, o conhecimento não discerne a realidade, pura e simplesmente, “a ‘certeza imediata’, do mesmo modo que o ‘conhecimento absoluto’ e a ‘coisa em si’ encerram uma contradição de termos”. Por consequência, se não há a verdade “em si” tampouco existem valores universais. No livro *A Genealogia da Moral*, esse filósofo (2009, p. 17-21) fez uma forte crítica aos valores morais. Afirmou que não mais se preocupou, como fazia quando era uma criança, em procurar a “origem do mal para além do mundo”, isto é, as verdades são deste mundo. Segundo ele, partindo de um pouco de educação histórica e filosófica, abandonou a pergunta “qual é a origem de nossa ideia do bem e do mal” e tentou responder a pergunta “de que modo inventou o homem essas apreciações ‘o bem e o mal’?” A ideia moral perde sua identidade transcendente, o que ele chama de “preconceito teológico”, e torna-se construção histórica. Para o filósofo os valores morais precisam ser questionados, e quem assim o fizer, verá vacilar “sua fé na moral”. Afirmo que é indispensável “uma crítica dos valores morais” e, para isso, “é necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor dos quais se

desenvolveram e nos quais se deformaram”. Para isso, parte de uma nova perspectiva: E se o “bom” for sinal de retrocesso que leva o homem a dar sua vida no presente em detrimento do futuro? “E se o contrário representasse a verdade?” E se a moral for uma forma de aprisionar o homem impedindo-o de chegar ao mais alto grau do seu esplendor? “E de modo que entre todos os perigos fosse justamente a moral o perigo por excelência?”

Assim, levantando várias dúvidas relacionadas à capacidade da mente humana de ir a “essência”, a “coisa em si”, e, juntamente, levantando questionamentos sobre a percepção da moral universal, perene, a reflexão contemporânea caminhou em direção à existência. Sartre (1970, p. 05) compôs a máxima do seu pensamento existencialista ao afirmar que a existência precede a essência. Isso significa que não há um Deus²¹, uma essência ou uma natureza humana que defina o homem enquanto homem. Primeiro o homem existe para posteriormente ser aquilo que ele fizer de si mesmo: “o homem (...) só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada²²” e “só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo”. Assim, se a existência precede a essência, o homem é responsável por tudo o que é e, por isso, torna-se responsável pelo conjunto da humanidade: “não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser.” Quando o homem faz uma escolha para si ele escolhe por toda a humanidade: “a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja²³ a humanidade inteira²⁴.”

Na inexistência de uma essência que define o homem como tal, no mundo “pós-moderno,” não há uma tentativa de buscar uma explicação universal para o sentido da vida humana; não há uma tentativa de avaliar os comportamentos segundo uma natureza no homem. Vive-se um relativismo epistemológico e axiológico que tende a visar o pragmático acordo entre as partes que compõem a existência humana

²¹ O homem está desamparado

²² “nada” no sentido de que o homem está aberto ao todo, não é determinado, é livre.

²³ “Engajamento significa a necessidade de se voltar para a análise da situação concreta, como responsável pelas mudanças sociais e políticas de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária porque o indivíduo compromete-se com a ação” (ARANHA; MARTINS 2013, p.197).

²⁴ “Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente da minha situação, ou da minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia” (SARTRE 1970, p. 05).

independente de uma visão do que seja o bem ou o mal dentro desse campo de existências. Perceba que a contemporaneidade abriu-se para o questionamento de princípios e ideologias acerca dos valores tradicionais que fazem referência às verdades naturais (MOITA LOPES, 2003). As verdades naturais e transcendentais demonstraram-se humanas e, portanto, sendo construídas em momentos e espaços específicos. As “verdades” construídas são transmitidas por intermédio dos discursos que são controlados, selecionados, organizados e redistribuídos (FOUCAULT 2007, p.09) servindo-se como sistemas de exclusão e domínio de uns sobre os outros.

A visão contemporânea é a antítese da visão de “verdade natural”. Na visão naturista o sexo está determinado pela natureza ou pela criação. Na visão moderna a ideia de natureza passa por uma construção ideológica da sociedade. Simone de Beauvoir (1970; p.72) inspirada no materialismo histórico, afirmou que a humanidade é uma realidade histórica e contra a natureza. Para ela, o ser humano, antes de ser natural, é um ser histórico. A sociedade humana é contra a natureza no sentido de buscar superá-la constantemente. Firestone (1976, p. 12-40) afirmou que as feministas devem questionar a organização da natureza, “o natural não é necessariamente um valor humano”. Essas duas mulheres, mas não somente elas, através do discurso escrito buscaram desconstruir a ideia de natureza imutável. A natureza humana não é imóvel, é histórica e passível de superação. Assim, os discursos são construções sociais e auxiliam para construir verdades no meio social, pois o discurso gira em torno de uma “verdade” que fundamenta valores que são aceitos em determinado momento da história.

Nesse novo discurso, a ideia de unicamente corretas as relações heterossexuais desmoronam-se. Perceba que hodiernamente temos duas visões de ser humano que se excluem mutuamente: uma fundamentada no que lhe é “natural” e outra no que lhe é “antinatural”. Essas duas visões de ser humano carecem de ponderação para evitar a insensatez de um “despotismo linguístico,” que tem por consequência discriminar e excluir as pessoas em nome de uma “verdade” que fundamenta o bem e mal/ o certo e o errado.

O DISCURSO DO RESPEITO

O discurso não pode ser imposto anulando o “outro”. O “outro” é sempre o “outro” e, por isso, diferente de todos os demais. O discurso deve girar em torno do respeito. Na atitude de respeito há um empenho “em reconhecer nos outros homens, ou em si mesmo, uma dignidade que se tem o dever de salvaguardar” (ABBAGNANO 2007, p. 854-5). Segundo a percepção do imperativo categórico kantiano (2003, p. 58) o princípio da dignidade humana está em reconhecer que “o homem – e, de uma maneira geral, todo o ser racional – existe como fim em si mesmo, e não apenas como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade.” Isto é, a dignidade é um valor objetivo e intrínseco ao ser humano. Reconhecer a dignidade do homem inseri-se, também, no reconhecimento de sua liberdade enquanto pessoa. Liberdade de ser, liberdade de fazer e de escolher. Se há uma natureza humana, liberdade de escolher segundo a sua natureza; se não há uma natureza humana, liberdade de escolher segundo suas circunstâncias existenciais e assim construir sua “essência” no decorrer da existência. E, também, a consciência de dar ao “outro” a liberdade de ser conforme suas convicções. Dar ao “outro” a liberdade não é o mesmo que consentir com o “outro”, é simplesmente respeitá-lo.

Na atitude de respeito abre-se espaço para o diálogo. No diálogo o pensamento de duas pessoas faz um único tecido, “existe aí um ser a dois (...) as nossas perspectivas deslizam uma na outra” (SELVAGGI *apud* PONTY 1988, p. 21). Existem duas pessoas e, por isso, duas mentes, duas existências, dois seres que não trazem no íntimo a necessidade de serem iguais, viverem iguais e terem os mesmos atos e comportamentos. Mesmo em dois seres antagônicos no comportamento, no campo das ideias, através do diálogo, existe a possibilidade do enriquecimento ao ouvir o “outro” e ao falar para o “outro”. Existe o enriquecimento no que lhe é oposto. Mesmo que o diálogo fique na *aporia*, isto é, sem uma conclusão, pensamentos resistem e enriquecem ambas as partes.

O Brasil, enquanto Estado democrático e de Direito, garante aos cidadãos, no art. I inciso V da Constituição em vigor, o pluralismo político, isto é, garante a possibilidade da existência de vários grupos com diversas ideias e o respeito a cada grupo com suas ideias. E, sabe-se que só por intermédio do respeito que grupos com ideologias diversas conseguem conviver de forma pacífica. O respeito deve intermediar a dialética entre o “natural” e o “antinatural”. Afinal, a Constituição Federal de 1988 no

art. 5º reza o princípio de isonomia, onde todos são iguais perante a lei, e segundo o artigo 3º acrescenta-se, “sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. A relativização dos valores (no discurso) em relação a uma natureza ou não-natureza é o primeiro passo para um diálogo que possa contribuir para a cultura da não violência fundamentada na atitude do respeito mútuo.

Acredita-se que o ambiente escolar é o local adequado para o discurso do respeito. Esse discurso é o discurso da igualdade, da justiça e da caridade. Onde tanto os que defendem a ideia de natureza humana e os que defendem a ideia da construção social do homem conseguem conviver pacificamente. Respeitar não é consentir, é dar ao outro o direito de ser ele mesmo. O respeito possibilita o diálogo e, portanto, a compreensão do diferente. O professor é um agente apto a ajudar a sociedade, pois ele produz “discursos de verdade,” (FOUCAULT, 2001, p. 08) de verdade porque formulado por um profissional qualificado no interior de uma instituição escolar. Afirma Foucault (2001; p.69) que o “monstro humano” é uma inflação da ordem jurídica e, principalmente, natural. Ele é o indivíduo a ser corrigido (FOUCAULT, 2001, p. 72). Hoje, mas do que corrigido, ele é o indivíduo, a pessoa a ser respeitada. Ele não pode ser mais o “monstro humano,” ele deve ser o “outro”, diferente de mim na vivência, mas igual na dignidade. Faz-se necessário a escola trabalhar a compreensão das inúmeras realidades e o respeito mútuo entre os diversos grupos inseridos dentro de um Estado que lhes confere o direito de ser conforme suas percepções de realidade e pensarem conforme os próprios valores que carregam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Deus morreu! Deus continua morto! E nós o matamos!” (NIETZSCHE 2010, p. 116). Enquanto acontecimento histórico-cultural, a morte de Deus simboliza a perspectiva da morte dos valores absolutos, transcendentais. Perceba que fomos “nós” que o matamos. Sim, “nós” o matamos, no modo de ser, de falar, de agir, de pensar, na política, na novela, nos filmes, na educação, no direito, na religião...e em todas as Instituições responsáveis pela cultura. Deus, uma vez morto, conduz a reflexão não mais à essência, mas à aparência, ao fenômeno. Criamos um mundo no interior da

caverna platônica: de sombras, de opiniões, sem verdades, sem natureza, sem ordem prescrita. Resta-nos colher os frutos e plantar novas sementes. Sementes capazes de ressuscitar esse Gigante que jaz para reviver os valores, que nesse círculo do “eterno retorno”, a ausência nos torna cara, *niilista* e sem sabor a vida. Nunca sentimos tanta falta de Deus e, por isso, objetivamos ressuscitá-lo para termos onde nos agarrar quando o arrependimento dilatar a pupila, após desvencilharmo-nos das correntes, ao sair da caverna.

Por isso, esse escrito é uma semente que busca reconstruir a possibilidade de demonstrar, no mínimo, três formas de estar diante a reconstrução antropológica que a sociedade está fazendo: posso aceitar ou não aceitar e também posso intermediar com o propósito de não distanciar de mim aquele que muitas vezes já está distante de si. O intuito desse discurso escrito é aproximar as pessoas ao máximo delas mesmas. Uma vez dentro de mim não tenho medo do “outro” que está fora. Assim, acredito, consigo conviver com ideias e hábitos que discordo, principalmente quando no meu íntimo descubro a grandeza da liberdade que pulsa e que amo, a mesma que pulsa e que o “outro” ama, mesmo que a utilizando de formas diferentes.

Sinceramente acreditamos que com o tempo falaremos que “Deus ressuscitou!”. Nesse vai e vem da humanidade ressuscitaremos antigos valores em prol de buscar aquilo de bom que se foi, mas deixaremos mortos aqueles valores que não foram capazes de trazer o bem em comum. No juízo final descobriremos a verdade que foi motivadora de nossas buscas, mas nunca de fato compreenderemos porque as prostitutas precederão no Reino dos céus os doutores da lei (incluindo os contemporâneos) (Mt 21, 28-32). Acreditamos que chegou a hora de deixarmos a hipocrisia de lado e subir nos telhados, por mais que doa, para clarear com a única Verdade as “verdades” que enganam, mentem e matam. Não acreditamos que a justiça seja cega, ao contrário, seus olhos estão abertos enxergando a tudo e a todos e seus pés descalços simbolizam a humildade necessária para observar, entre tantos enganadores, a sinceridade, vínculo indispensável de liberdade interior, com a palavra acertada que diz às incontáveis formas de prostituição hodierna: “Vais e não erres mais!” (Jo 8, 11).

ABSTRACT

In view of the questions raised about sexual diversity in contemporary times, the reflection in this article is based on two lines of thought: naturism and historical discourse. The naturism based on the existence of an essence that makes the man be what is putting the sexual relations in the scope of the human nature and, therefore, complementary; Historical discourse widens perception by conceiving man not only as natural but also as historical, bringing to the discussion other forms of sexual relations that exceed man and woman. It is believed that the only way of living together between people who think and behave in different ways is based on respect. Therefore, based on the concept of human dignity and freedom, we will weave the possible result of the dialectic between the natural and the historical in the right intrinsic to man being, that is, rational and therefore free. In order to avoid cultural and anthropological relativism, in the end, we will place our trust in the progress of humanity and in the resurrection of the values that can lead man to his ultimate goal: God.

Key words: Naturism, History, Freedom, Respect and Dignity

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2013, p. 197

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão europeia do livro 4ªed, tradução de Sérgio Milliet, 1970.

Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Ave-Maria. 158ª ed, 2003

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: SP, Ed. Unicamp, 1994.

BRASIL, C. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF: Senado federal, 1998.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, Clodoaldo Ferreira. *Diversidade sexual na escola: o “normal” e o “anormal” em discursos de professores*. Ano: 2014. 139f, Disponível em: <http://www2.unucseh.ueg.br/teses/arquivo/MIELT/clodoaldo.pdf>, acessado em 27/008/2016

- FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo*. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
- FOUCAULT, Michael. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 15 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2007.
- _____. *Os anormais*. São Paulo: Martins fontes, 2001
- HUISMAZ, Denis; VERGEZ, André. *Compêndio moderno de Filosofia: O conhecimento*. VL. II. São Paulo: Freitas Bastos, 1968
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. São Paulo: Martin Claret, 2003
- MOITA LOPES, L. P. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Genealogia da Moral*. Tradução de Antônio Carlos Braga. 3ª ed. São Paulo: Ed. Escala, 2009.
- _____. *Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do futuro*. São Paulo: Martin Claret, 2012
- _____. *A Gaia da Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2ª ed, 2010
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. *A ideia de verdade e a educação*. São Paulo: Convívio, 1978
- PLATÃO. *Coleção os pensadores: Banquete, Fédon, Sofista e Políticos*. São Paulo: Victor Civita, 1972
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo e um Humanismo*. Traduzido por Rita Correia Guedes. Paris: Nagel, 1970